A condição da mudança estratégica das relações econômicas, e com elas as políticas e militares, está alterando completamente o legado Gorbachov. A criação do grande bloco da União europeia, mais a dissolução da pequena estabilidade asiática, inclusive fundindo muitos países, bem como ao fundo da Ásia o enorme poder, a todos os níveis, que é a emergência da China como primeira potência, e ainda alguma resistência das três Américas, excetuando-se os Estados Unidos que nunca pagam a fatura, pode-se dizer atualmente que é mesmo relutância das três Américas, em pagar esta enorme conta que se apresentou com as sucessivas crises desde 2007. E, para não pagar a fatura com seu empobrecimento outra vez, tem que, pela soma de todos estes desequilíbrios instalados, criada esta distorção na correlação de forças que existia e que se rompeu sem saber ainda no que se irá transformar, resistir a pressão dos poderosos em empurrarem a conta aos mais fracos.

Ao custo de perder todo seu poder e de ser humilhado por Iéltsin que lhe toma este poder, tendo com sua glasnost e sua perestróica, já lá iam trinta anos, Gorbachov, mudando a face do mundo, uma vez que, com sua "reconstrução" econômica da União Soviética, essa se iria tornar Rússia novamente, caído o muro, e alterada a correlação de forças de um mundo separado por aquilo a que Churchill habilmente designara por cortina de ferro, estavam definitivamente alteradas as regras da economia mundial, introduzindo novos agentes e novas sinergias. Foi exatamente uma alteração econômica que propiciou toda esta reviravolta, e levou a muitas outras, porque sem forte estrutura na economia não se mantêm posições, e é por isto que há guerras, há conflitos, para dar ao poder militar voz, para tentar manter, conquistar ou apoiar ao poder econômico operante. Quando este enfraquece ou decai, logo outro toma seu lugar, apoiando-se também numa estrutura militar que o legitime (No caso do Japão as armas eram de outros, mas lá estavam presentes.).

Hoje, impossibilitados de fazerem a guerra, os senhores do mundo encaram este inconveniente atômico com a placidez de uma necessidade mal atendida, e, confrontados com a mudança praticamente total de suas relações, não conseguem estabelecer novas fórmulas de diálogo, e o diálogo nesta matéria sempre foi estabelecido junto de uma balança, onde eram pesadas as capacidades econômicas e bélicas dos dialogantes, à vez, estabelecendo destarte o diálogo do poder. Alterados os intervenientes, mudada a correlação de forças, desconhecidas as pretensões dos novos agentes (O que realmente pretende a China, por exemplo?) retraídos muitos dos poderosos agentes por uma muito má onda econômica (leia-se Europa e Estados Unidos que lutam em várias frentes por reconquistar sua supremacia), e encurralados outros por total falta de perspectivas, face das alterações instaladas, e ainda há outros que anulam suas posições (O que se sabe do que

verdadeiramente deseja a Alemanha?) tudo isto gerando esta indefinição e confusão, com tudo ao mesmo tempo, e sente-se uma nuvem de indefinições e expectativas pairando, o que estabelece-se um novo e grande buraco no diálogo, que os intervenientes não sabem como o ultrapassar, ou não sabem se devem, ou se é mesmo conveniente ultrapassar. Por as coisas em pratos limpos pode ser muito perigoso, por isso a diplomacia, e os permanentes vapores por toda parte, neblina que mantém pouco visíveis intenções que não se querem revelar

Tudo isto, toda esta falta de clareza, essa ocultação de posições, está jogando o mundo numa nova guerra fria! Há que se ter enorme cuidado com esta situação, porque entrar em guerras, sejam elas frias ou quentes, é muito fácil, difícil mesmo é sair delas.